

ESTADO DE SÃO PAULO *Economia - BRASIL* Cresce no governo pressão por corte do juro

Vice volta a criticar juros altos e senador Aloizio Mercadante defende queda 'progressiva e segura'

LU AIKO OTTA
e EDUARDO KATTAH

BRASÍLIA – Aumentou ontem o tom da torcida aberta de autoridades do governo por um corte na taxa de juros na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para os dias 20 e 21 deste mês.

“Todas as condições da economia apontam para uma queda dos juros”, afirmou o líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (PT-SP). Ele ressaltou, porém, que a decisão cabe exclusivamente ao Copom. O senador defendeu uma queda progressiva e segura da taxa de juros.

Em Belo Horizonte, o vice-presidente da República, José Alencar, também voltou a opinar sobre economia e classificou como “despropósito” as atuais taxas de juros, que estão em 26,5%. Ele cobrou mais atenção das “autoridades que administram as finanças públicas” à economia real e menos ao “economês”. Alencar este-

ve ontem na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), acompanhado pelo ministro da Educação, Cristovam Buarque.

Sem especificar a quem estava dirigindo suas críticas, o vice-presidente atacou o que chamou de obediência e subserviência ao mercado – ou “especuladores”, conforme rotulou. “É aquela história de reunir os credores para dizer: deixa eu baixar meio ponto percentual dos juros já que nós somos tão subservientes, temos sido. Tão obedientes ao chamado mercado, que não é mercado, são especuladores”, disse. “Nós não

podemos de forma alguma aceitar essa situação.”

Segundo ele, a queda de 1 ponto percentual na taxa de 26,5% estabelecida pelo Banco Central (BC) proporcionaria ao País uma economia de despesas de R\$ 750 milhões mensais, ou

R\$ 9 bilhões ao ano. “Eu faço esse tipo de comparação e vejo que o que se precisa para a UFMG, ministro, é dinheiro trocado perto disso”. O vice-presidente insistiu na cobrança. “É preciso cair os juros e cair muito.”

Também o ministro do Planejamento, Guido Mantega, afirmou que “com certeza, em algum momento, os juros vão cair”. Ele, po-



rém, não arriscou dar palpites sobre o prazo. “Quando, vocês têm de perguntar para o Copom, para o Banco Central”, disse. Mantega comentou que os mais recentes índices de inflação, mostrando um movimento de queda, deixaram “todo mundo feliz”. Se o Copom considerará essa queda nos índices de preços suficiente para permitir um corte na taxa de juros, essa é a pergunta que to-

dos os analistas de mercado se fazem nesse momento.

Já o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, não ajudou a clarear o quadro ao declarar, anteontem, que o risco de descontrole inflacionário está superado, porém a batalha contra a inflação ainda não está vencida.

Críticas fortes – “Qualquer que seja a decisão do Copom, ela esta-

rá de acordo com essa declaração do ministro”, comentou o economista-chefe do Lloyds TSB, Odair Abate. O tiroteio político é, na avaliação do economista, “tudo o que o Copom não precisava nesse momento”. Os diretores do Banco Central que integram o Copom já terão de tomar uma decisão difícil para conciliar sinais positivos de queda consistente da inflação detectados nos preços ao

atacado e sinais preocupantes referentes à inflação dos preços ao consumidor. A pressão política só vem a complicar ainda mais o quadro.

“Parece que todos querem auferir os louros de uma queda que pode, de fato, ocorrer”, comentou Abate. Na sua avaliação, caso o Copom venha a decidir por um corte nos juros, poderá surgir uma discussão sobre se a decisão foi técnica ou se o colegiado sucumbiu à pressão política pelo corte.

Abate considerou “muito fortes” as críticas de Alencar aos “especuladores”. Embora o vice-presidente não tenha citado nomes, suas declarações soaram como ataques ao próprio governo, mais especificamente a Palocci e ao presidente do Banco Central, Henrique Meirelles.

O economista Roberto Padovani, da Tendências Consultoria Integrada, considera “normal” um debate na sociedade, inclusive com participação do governo, em torno da taxa de juros. “No curto prazo, isso é só barulho”, avaliou. “No médio prazo, se o ambiente macroeconômico ficar ruim e produzir mais pressão política, pode colocar dúvidas sobre a sustentabilidade do núcleo duro do governo e aí, sim, será complicado.”

Abate lembrou que o Banco Central, embora não seja independente, é comprometido com metas de inflação fixadas pelo governo e negociadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI). E as taxas de juros são manejadas para atingir esses objetivos. (Colaborou Leonêncio Nossa)